

"Calma aparente dos Lisboaetas apesar dos movimentas de tropas" in Diário de Notícias  
(25 Abril 1974)

**Caption:** No dia 25 de Abril de 1974, comentando o início da insurreição militar e da “Revolução dos Cravos”, o jornal português Diário de Notícias estabelece um quadro da situação em Lisboa.

**Source:** Diário de Notícias. 25.04.1974. Lisboa. "Calma aparente dos Lisboaetas apesar dos movimentos de tropas", p. 8.

**Copyright:** (c) Diário de Notícias

**URL:**

[http://www.cvce.eu/obj/calma\\_aparente\\_dos\\_lisboetas\\_apesar\\_dos\\_movimentas\\_de\\_tropas\\_in\\_diario\\_de\\_noticias\\_25\\_abril\\_1974-pt-94f72b2e-6696-4a4e-a44a-1edc5055a5c9.html](http://www.cvce.eu/obj/calma_aparente_dos_lisboetas_apesar_dos_movimentas_de_tropas_in_diario_de_noticias_25_abril_1974-pt-94f72b2e-6696-4a4e-a44a-1edc5055a5c9.html)

**Last updated:** 16/03/2015

## Calma aparente dos lisboetas apesar dos movimentos de tropas

Lisboa quase parecia viver o seu ritmo normal ao princípio da manhã, com pessoas a dirigir-se para os empregos, utilizando os mais diversos meios de transporte. Muitas pareciam não se aperceber do que se passava. Notava-se, no entanto, muito menos movimento que habitualmente, talvez porque uma boa parte da população tomara conhecimento do movimento militar através dos comunicados difundidos pelo Rádio Clube Português.

Entre as oito e as nove horas, autocarros e eléctricos circulavam normalmente, embora transportando menos passageiros, pelo menos nos locais não abrangidos pelos movimentos militares. Os comboios funcionavam também. E igualmente com menos movimento de passageiros. Muitas pessoas, com efeito, devem ter preferido ficar em casa, ao saberem pela rádio o que se passava.

Outras — e foram muitas — apenas tomaram conhecimento do movimento quando, ao dirigirem-se para as zonas dos seus empregos foram impedidas de alcançá-las pelos cordões de militares que barravam os acessos à Baixa, às artérias adjacentes ao R.C.P., à Praça do Comércio, ao aeroporto, etc. Muitas procuravam então saber o que se passava e entabulavam diálogo com os soldados, os quais, amavelmente, se escusavam a prestar informações, alegando não terem ordem para tal dos seus superiores.

Nalguns locais, nomeadamente na parte leste da Praça do Comércio, juntaram-se grupos de algumas dezenas de pessoas que conversavam igualmente com os soldados e observavam as autometralhadoras e os transportes blindados de pessoal estacionados junto aos acessos. Cerca das 9.30 ouviram-se para os lados do Cais do Sodré, alguns tiros, mas o facto mal chegou a perturbar a aparente calma que reinava junto à estação de Sul e Sueste.

### Bloqueada a saída de Lisboa na Encarnação

Aliás, a calma reinava desde a madrugada. As forças militares tinham estabelecido as suas posições no R.C.P. (bloqueando os acessos com automóveis que atravessaram nas ruas e guarnecendo essas “barricadas” de tropas), na Emissora Nacional, onde instalaram, nas varandas do Quelhas, um canhão-sem-recuo, no aeroporto, cujas entradas também bloquearam, etc.

Na rotunda da Encarnação, junto ao Regimento de Artilharia Ligeira n.º 1, forças aparentemente desta unidade estabeleceram uma barreira e impediam a saída de Lisboa aos veículos que se dirigiam para a auto-estrada do norte, a partir das 9 horas. Mas, antes, o trânsito estivera aberto, assim como na ponte sobre o Tejo e na auto-estrada para o Estoril.

A situação, no entanto, às primeiras horas da manhã, mantinha-se algo confusa, sendo impossível, na maioria dos casos, distinguir entre os militares pertencentes ao movimento e as tropas que defendiam estabelecimentos governamentais. Por outro lado, os quartéis mantinham os portões encerrados, embora nalguns se notasse bastante movimento de militares e viaturas.

Aparentemente, as tropas que ocupavam a Emissora Nacional pertenciam ao Campo de Tiro da Serra da Carregueira e as que tomaram posições de cerco, durante a madrugada, junto ao Quartel-General, ao Batalhão de Caçadores n.º 5. Regimento de Lanceiros 2 e do Regimento de Cavalaria 7 foram também vistas a movimentar-se, as primeiras em Monsanto, as segundas em direcção à Praça do Comércio.

### Pouca polícia nas ruas

Aos poucos, a população da cidade foi tomando consciência do que se passava. Não raro formavam-se grupos de pessoas que comentavam os acontecimentos ou trocavam informações baseadas nos comunicados, ouvidos através do R.C.P., ou em observação directa.

Um facto, no entanto, cedo se tornou saliente: nunca, talvez, se notou tão grande ausência de elementos da P.S.P. nas ruas, com excepção do pessoal da Divisão de Trânsito, e mesmo este só nos locais essenciais,

nomeadamente onde se tornava necessário desviar o trânsito.

A única zona onde era bem patente a presença da P.S.P. era no cruzamento das Avenidas Fontes Pereira de Melo e António Augusto de Aguiar, onde elementos da Companhia Móvel cortavam o acesso a esta última artéria (onde se localiza o Comando-Geral da P.S.P.).

De resto, e no referente à população, reinava a normalidade, embora certos sintomas revelassem a sua inquietação quanto ao desenrolar dos acontecimentos.

### **«Corrida» a mercearias e a bancos**

Por um lado, foram certamente milhares as pessoas que preferiram não ir para os seus empregos, mas o acontecimento que talvez mais caracterizou a manhã foi a autêntica «corrida» que largos sectores da população fizeram a mercearias, padarias, supermercados, etc., procurando abastecer-se a todo o custo de géneros alimentícios e de outros artigos de primeira necessidade.

Em muitos pontos da cidade formaram-se extensas «bichas» de pessoas ansiosas por armazenarem comida em casa, prevendo talvez a hipótese de o movimento se alongar no tempo e de os estabelecimentos fecharem.

Além disso, logo de manhã, à hora de abertura dos bancos, muitas pessoas procuraram também levantar dinheiro, mas cedo foi dada ordem para não se efectuarem levantamentos e aqueles estabelecimentos encerraram.

No entanto, e apesar de tudo, para muitos lisboetas o possível receio de qualquer confronto directo entre as forças em presença não foi suficiente para os afastar da rua, como se aguardassem «in loco» o desenrolar dos acontecimentos.

### **Cova da Moura ocupada e aparente normalidade em S. Bento**

Depois das 10 horas, soube-se que tinha sido ocupada a Cova da Moura, onde está instalado o Departamento da Defesa Nacional. De resto, desde a madrugada que se notava um movimento desusado de veículos.

Por outro lado, no Palácio de S. Bento não se notavam quaisquer medidas de segurança especiais e apenas as habituais sentinelas da G.N.R. se viam junto às guaritas.

Outro tanto sucedia nos vários quartéis da G.N.R. espalhados pela cidade, que tinham apenas encerrados os portões e sentinelas no exterior.

### **Tiros de madrugada nas instalações da Televisão**

Como atrás referimos, a ocupação de diversas instalações governamentais e de postos de rádio iniciou-se (e concluiu-se em muitos casos) de madrugada, pouco depois das 3 horas, sem que fosse encontrada, aparentemente, qualquer oposição.

No entanto, alguns tiros foram disparados nas instalações da Radiotelevisão Portuguesa, ao Lumiar, cerca das 4 horas. Na zona ouviram-se quatro ou cinco rajadas de armas automáticas, cuja origem não foi possível averiguar. Logo a seguir, e através de um megafone, ouviu-se uma voz que aconselhava calma aos soldados e que afirmava que não havia perigo, chamando ao mesmo tempo a atenção para os comunicados que estavam a ser difundidos pelo R.C.P.

A maior parte da população da área, no entanto, nem se apercebeu, na altura, dos tiros nem das referidas vozes de comando, só tomando conhecimento do que se estava a passar ao ouvir os comunicados da manhã. No Aeroporto, também teriam sido ouvidos alguns tiros, ao princípio da manhã.

## **Áreas de interdição**

À medida que as horas se passavam, a situação continuava aparentemente a mesma, com as tropas estacionadas nos locais já referidos. Apenas, nalguns casos, as áreas de interdição se tinham alargado.

Assim, enquanto que, ainda antes de raiar o dia, os acessos da Baixa à Praça do Comércio apenas estavam vedados já bastante próximo do local, cerca das 9 horas a interdição estendia-se a toda a zona da Baixa, a partir do Rossio. Por outro lado, na parte leste da Praça do Comércio, podia-se avançar até perto das estações dos «cacilheiros». Do lado oposto, todavia, a interdição surgia pouco depois da Avenida Infante D. Henrique.

A meio da manhã, por outro lado, o movimento instalado no R.C.P., renovava os seus apelos à população para que abandonasse as ruas e se recolhesse em casa.

O ambiente, no entanto, estava longe de poder considerar-se «pesado». Com efeito, na maioria dos locais onde tropas tinham estacionado, militares e civis eram frequentemente vistos a conversar, aparentando muitos daqueles uma bem humorada disposição.

## **Forças especiais no Cristo-Rei**

O movimento rodoviário pela ponte sobre o Tejo manteve o ritmo normal, com uma natural quebra motivada pela aceitação progressiva dos conselhos, continuamente feitos à população, através do Rádio Clube Português, para que permanecesse ou regressasse a suas casas, em absoluta calma.

Entretanto, numerosos efectivos militares concentraram-se em redor do monumento a Cristo-Rei, montando diversas peças de artilharia, três das quais em direção de Lisboa e das águas do Tejo e uma apontada para o largo da portagem.

Numerosos curiosos subiram até às imediações dos terrenos limítrofes do monumento, a fim de presenciarem o numeroso aglomerado de viaturas militares ali estacionadas e a distribuição das forças, ao longo da barreira de arame que cerca os referidos terrenos. Uma secção destacada pelo comando, em face do insistente vaivém de curiosos, saiu da sua posição a fim de solicitar às pessoas para que seguissem para suas casas, para não prejudicarem a acção pretendida pelo movimento.

Ao mesmo tempo, forças da N.A.T.O., ancoradas no Tejo, faziam-se ao largo, obedecendo ao programa de manobras conjuntas que hoje se iniciam no alto mar.